



**Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, na  
cerimônia de comemoração do Dia Mundial do Meio Ambiente**

**Palácio do Planalto, 05 de junho de 2008**

Primeiro, quero cumprimentar o companheiro Pinguelli, coordenador do  
nosso Fórum sobre Mudanças Climáticas,

Quero cumprimentar os nossos ministros, começando pela companheira  
Dilma Rousseff, companheiro Carlos Minc,

Nosso querido companheiro Gregolin, o nosso querido companheiro  
Samuel Pinheiro,

René Mauricio Dorfler, embaixador da Bolívia no Brasil,

Nosso companheiro Luís Antônio Rodrigues Elias, ministro-interino da  
Ciência e Tecnologia,

Nosso querido senador José Maranhão,

Deputada Dalva Figueiredo,

Deputado e ex-ministro do Meio Ambiente, Sarney Filho,

Nosso querido companheiro Herculano, que falou em nome das  
comunidades tradicionais,

Meus companheiros e companheiras,

Eu penso que cada um de vocês que veio para esta solenidade deve ter  
medido o que nós conseguimos avançar nesses últimos anos. Não é fácil a  
gente discutir meio ambiente, achando que apenas a confecção de uma lei ou  
de um decreto vai resolver o problema. Este decreto que eu assinei aqui,  
certamente haverá muitas ações na Suprema Corte contra ele e a Advocacia-  
Geral da União terá que fazer a defesa do decreto. Uma coisa que parece tão  
pacífica entre nós, às vezes demora dois, três anos para ser consagrada  
porque nós temos que respeitar as instituições.



O dado concreto é que dentro do governo, e eu diria que dentro da maioria da sociedade brasileira, já há a consciência de que não há incompatibilidade nenhuma entre a combinação do desenvolvimento com a preservação ambiental; de que não é menos importante fazer uma reserva de 709 mil hectares para 109 famílias. Muitas vezes nós somos acusados: “estão dando muita terra para 109 famílias, estão dando muita terra para não sei quantos índios, estão dando muita terra para não sei quantos seringueiros”. As pessoas se esquecem de dizer que um único proprietário tem, às vezes, 1 milhão de hectares, 2 milhões de hectares, 500 mil hectares, e alguns ainda acham pouco e querem grilar a terra dos outros.

Eu estou convencido de que nós estamos avançando para uma combinação entre os marcos legais que estabelecemos e que o Congresso aprova, e o aumento da consciência política da sociedade de que cada benefício que a gente fizer em nome da preservação ambiental, da manutenção da nossa natureza intacta ou 99% intacta, permitirá que dela os extrativistas, os pesquisadores possam tirar os ensinamentos, e os trabalhadores tirar a sua riqueza.

Na medida em que a gente for tomando consciência de que isso é bom para o Brasil, é vantagem comparativa para o Brasil, inclusive nesse mundo comercial globalizado... Ainda vai levar um tempo para o povo brasileiro aprender que é uma vantagem comparativa para o Brasil poder dizer que não desmata a Amazônia de forma predatória, poder cortar um mogno com o manejo correto da floresta, certificar cada coisa que a gente faz e repor no lugar algumas coisas que a gente tira. As pessoas vão percebendo que isso se transforma numa vantagem imensa para o Brasil nesses debates internacionais, sobretudo na Organização Mundial do Comércio, onde o jogo é mais pesado e ninguém quer abrir mão de nenhuma vantagem.

Então, eu penso que este dia, companheiro Minc, é a afirmação de que o Brasil atingiu a maioria para cuidar das suas coisas. Eu não sou tão



egoísta quanto o Minc, que fala que a Amazônia é do Brasil, é do Herculano. Eu acho que nós somos tão solidários, que o território é nosso, mas os benefícios causados pela preservação que nós estamos fazendo, porque queremos que todos respirem o ar verde produzido pelas nossas florestas e, se Deus quiser...

É impressionante a quantidade de gente... de vez em quando eu fico pensando que a Amazônia é como aqueles vidros de água benta que tem na igreja: todo mundo acha que pode meter o dedo. Basta ser católico e entrar na igreja, que quer colocar o dedo para se benzer. A Amazônia, além de ser católica é evangélica, então tem mais gente querendo botar o dedo ali, e é muita gente dando palpite. Não é que nós não queiramos ajuda, não é que nós queiramos partilhar os conhecimentos que precisamos ter da Amazônia, não é que nós não queiramos construir projetos conjuntos. Mas nós não podemos permitir que as pessoas tentem ditar as regras do que a gente tem que fazer na Amazônia. Não é possível que as pessoas... E são muitos palpites, posso dizer a vocês que palpite é o que não falta, e de pessoas que não têm autoridade política para fazer isso, pessoas que desmataram o que tinham e o que não tinham, pessoas que emitem CO<sup>2</sup> como ninguém e depois resolvem dizer: "A Amazônia, nós precisamos pensar se ela é do Brasil".

Não é apenas a Amazônia. Esses dias eu vi um artigo questionando se o Aquífero Guarani era do Brasil, era do Mercosul, porque está em alguns países. Nem nós ainda temos acesso à água do Aquífero Guarani e já tem gente de fora achando que tem que preservar para a Humanidade. Eu disse, outro dia, durante a visita de uma chefe de Estado, que é importante que essas coisas sejam partilhadas com todo mundo.

O Brasil vai fazer um grande seminário nos dias 20 e 21 de novembro sobre a questão dos biocombustíveis, em São Paulo, e nós queremos discutir a questão climática, queremos discutir o zoneamento agroecológico. Nós queremos partilhar com todo mundo essas discussões, até porque eu não sei



se o governo é o dono da verdade. Quanto mais a gente ouvir, quanto mais a gente conversar, mais a gente poderá fazer as coisas certas. Mas é importante que quando as pessoas entrem na casa da gente, peçam licença para abrir a nossa geladeira, e não vão abrindo e pegando as coisas que tem lá para beber porque elas têm dono.

Então, é com esse olhar, Minc, que eu acho que nós precisamos nos apresentar ao mundo. O Brasil tem uma quantidade enorme de áreas que nós estamos preservando. Um dia, eu quero chamar o Minc para que a gente estude corretamente todos os parques estaduais, os parques federais, e as terras indígenas. Você vai perceber que a quantidade é incomensurável. Às vezes um estado aprova uma coisa na Assembléia Legislativa, a Câmara aqui aprova outra, o governo faz outra, sem que haja uma combinação. Às vezes é preciso descer no estado, conversar com o governador que tem projeto para aquela área, e ele fica irritado, fica nervoso. E a gente não pode fazer na marra, porque na marra não dá certo. É preciso que tenha um jogo combinado, um jogo acertado e fica muito mais fácil. Demora mais, mas quando a gente faz as coisas bem feitas, elas são para sempre, não são quebradas como muitas vezes a gente faz.

É importante, Minc, você ter noção – a Embrapa tem isso bem preparado – de tudo que nós temos de área de conservação, de terras indígenas, de parques nacionais, de parques estaduais, de reservas extrativistas. Você vai perceber que é uma quantidade de milhões de hectares que dá quase toda a Europa. Agora, não basta apenas criar isso e não ter, primeiro, um pensamento de como utilizar aquilo economicamente para a própria comunidade que já está lá, ou criar mecanismos de fiscalização para que aquilo não seja invadido. Um país com um território imenso como este, às vezes a gente fica sabendo da queimada pela televisão ou quando o INPE nos mostra a fotografia. Eu acho que, nesse aspecto, nós temos que ser muito duros com os cidadãos que estão fazendo queimada ou desmatando



ilegalmente. A gente não pode generalizar na crítica, a gente não pode fazer acusações genéricas, mas temos que pegar o exemplo de um cidadão que desmatou de forma desvairada, e ele tem que receber o castigo da legislação, que já existe, que já prevê. Nós já tomamos medidas de contenção de crédito. Tudo isso vai começar a acontecer a partir de agora.

Eu estou convencido, Minc, de que nós temos o que comemorar neste Dia Mundial do Meio Ambiente, e temos que ter orgulho do que estamos fazendo. Nós sabemos que é uma tarefa muito difícil. Quando a gente pensa que está evitando uma coisa em um lugar, está acontecendo uma coisa em outro lugar. Quando a gente pensa que está cuidando da floresta, tem um rio que está sendo poluído, tem uma praia que está sendo poluída. É quase uma revolução cultural que precisamos fazer para atingir a perfeição ambiental.

Eu dizia ao Minc: se a gente não começar a discutir essa questão com as crianças nas escolas, se as televisões não estiverem abertas, não para fazer aquelas concessões de quando em quando, mas para terem, habitualmente, inserções falando da questão ambiental... Às vezes a gente vê uma enchente na beira de um córrego, numa favela bem pobre. Aquilo é lixo que a própria comunidade jogou, porque não tem consciência: joga, aquilo entope, volta e enche a casa dela. Tudo isso não é a polícia e nem a lei apenas, é consciência e maturidade política.

Nós vamos enfrentar, nesse próximo período, um debate internacional muito forte. Agora eu senti um pouco, na FAO, o quanto nós vamos ser atacados, e com os mais diversos argumentos, inclusive sobre a questão da Amazônia. O governo brasileiro, e eu diria que os nossos cientistas também, não têm preocupação de fazer esse debate em nenhum lugar do mundo, para nenhum público do mundo. Não temos a menor preocupação de fazer o debate sobre a preservação e o desmatamento que eles tanto nos provocam.

Eu vou dar um dado a vocês. Nos últimos quatro anos, fora esses 2 milhões e pouco de hectares que foram decretados hoje, nós criamos 20



milhões de hectares de unidades de conservação, homologamos 10 milhões de hectares de terras indígenas, cancelamos 66 mil títulos de posses fraudulentas da Amazônia e ampliamos em 10 vezes a área de florestas manejadas e certificadas, que somam agora mais de 3 milhões de hectares de terra. Isso aqui é apenas um exemplo da maturidade que está tomando conta de todos nós. Faz 15 dias que anunciamos o Plano Amazônia Sustentável, que é um compromisso do governo estadual, do governo federal, de prefeitos, de cientistas, de todo mundo, para a gente poder articular com a sociedade um modo de conseguir extrair, na Amazônia, riquezas para o povo que mora lá, e desenvolvê-la corretamente.

Eu queria dizer a vocês que não creio que tenha, no mundo, um exemplo igual ao nosso. A Europa, por exemplo, só tem 0,3% da sua floresta nativa em pé. O Brasil ainda tem 69%, e é responsável por 28% das terras nativas que ainda sobrevivem nas nossas florestas. Portanto, quando alguém fala grosso com a gente, a gente nunca fala grosso porque somos educados, mas temos que responder de forma categórica que não precisamos de palpite na nossa vida.

Uma coisa extremamente importante, que eu acho que nós precisamos cuidar, companheiro Minc, é uma coisa que eu conversava muito com a companheira Marina. Fui agora à FAO e pedi para o Inmetro me dar um estudo. Foi um estudo muito embrionário que o Inmetro me mandou. O Inmetro estudou um carro a gasolina e um carro a álcool, os dois carros com o mesmo motor, na mesma estrada e na mesma velocidade. O carro a gasolina emitiu 8 vezes e meia mais CO<sup>2</sup> que o carro a álcool. Experimentamos também um caminhão a diesel e um a biodiesel. O caminhão a diesel emitiu 5,3 vezes mais do que o a biodiesel. Se toda discussão que estou vendo na televisão for verdadeira sobre a questão do aquecimento global, e os combustíveis fósseis forem responsáveis pelo tanto de emissão de gases que estão sendo responsabilizados, o Brasil apresentou uma solução. Obviamente que essa



solução parte da responsabilidade do país que quer trabalhar essa alternativa. É preciso plantar depois do zoneamento bem-feito. Não pode plantar oleaginosas, que servem de alimento, para fazer combustível. Todo cuidado nós temos que ter. Sempre que falo nos biocombustíveis, olho para o continente africano. Lembro-me de um dia em que as pessoas falaram: “a inflação está aumentando por causa do biocombustível.” Eu vou para a África, aquele pessoal precisa produzir alguma coisa.

Eu me lembro de uma vez em que fui à cidade de Mirandiba, em Pernambuco, visitar uma vaca mecânica. Essa vaca mecânica foi uma invenção feita em São Paulo. Ela fazia leite de soja para resolver o problema da desnutrição de uma parte das crianças brasileiras. Chegamos lá, as crianças estavam magrinhas, o braço delas, de dois anos, era mais fino que o meu dedo. Começou a se fazer leite de soja com sabor. Colocava-se uma coisa gostosa, groselha ou morango, para dar um sabor, e do farelo da soja fazia-se bolo. As crianças adoravam, e já tinham recuperado o peso. Aí, veio uma companheira nossa e falou: “Lula – naquele tempo só me chamava de Lula –, é preciso levar em conta que isso não está certo, é preciso respeitar os hábitos alimentares”. Eu fiquei pensando: que hábitos alimentares, se a criança estava morrendo de fome? É a mesma coisa com a questão dos biocombustíveis: “A África não pode plantar, a África está com fome”. No fundo, no fundo, eu fico me perguntando: do que vivem grandes países africanos hoje?

Agora, na FAO, foram aprovadas doações. A Arábia Saudita deu 500 milhões para ajudar no combate à fome, e outros países deram mais 500 milhões. No fundo, o Brasil está fazendo a coisa diferente. Em vez de ficar dando um dinheirinho de quando em quando, nós levamos para a África um escritório da Embrapa, com pesquisadores. Já pesquisamos 17 países e nós queremos ajudar os africanos a produzirem o que nós produzimos aqui, porque estamos na mesma faixa, e eu acho que é isso o que o Brasil pode fazer.



Então, eu quero terminar dizendo a vocês o seguinte: nós vamos continuar fazendo a nossa parte, nós vamos continuar sendo duros. Eu acho que nós precisamos de muito mais policiais, quem sabe criar uma guarda nacional para tomar conta da floresta. Para isso, é preciso fazer alguns concursos, que os nossos companheiros da Câmara e do Senado vão ter que ter flexibilidade para aprovar. Eu espero, Pinguelli, que quando a gente se reunir aqui, no próximo ano, que a gente tenha mais conquistas, tenha mais reservas, tenha menos desmatamento. Mas, sobretudo, que esse povo que mora e trabalha lá possa vir aqui e dizer: “Melhorou a nossa vida, estamos trabalhando, estamos ganhando um salariozinho, estamos vendendo os nossos produtos porque têm preço garantido”. Senão, a gente faz a reserva, manda o Herculano de volta para lá, chega lá... se a gente não cuidar de ajudá-los... É como a reserva indígena. A nossa preocupação é, ao fazer a reserva, dar condições de as pessoas sobreviverem melhor do que quando aquilo não era reserva. Só a reserva é bom, mas ainda é pouco diante do que nós precisamos fazer para dar cidadania plena a todos vocês.

Parabéns, Minc. Parabéns a todos que lutam pela preservação ambiental no mundo e neste País.

(\$211A)